

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC GREGÓRIO ERMIDA DE CARVALHO

**O EMPREGO DO PODER MILITAR CONTRA O TERRORISMO:
Uma análise comparativa entre as
Operações *Neptune Spear* (2011) e *Nimrod* (1980)
à luz da Superioridade Relativa.**

Rio de Janeiro

2024

CC GREGÓRIO ERMIDA DE CARVALHO

**O EMPREGO DO PODER MILITAR CONTRA O TERRORISMO:
Uma análise comparativa entre as
Operações *Neptune Spear* (2011) e *Nimrod* (1980)
à luz da Superioridade Relativa.**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) JOBIM

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que me inspiraram ao longo do meu percurso. Sobretudo, dedico a Deus, minha família, Ana Paula, Davi e Thor, além dos professores, meu orientador, CMG (RM1) Jobim e amigos, que me sustentaram nos momentos de incerteza e aflição em relação ao tema.

Especial dedicatória faço a minha avó, Irani (vovó Naná), que sempre me apoiou quando em vida na Terra e agora me apoia ao lado de Deus. A falta de sua companhia sempre será grande, a saudade nunca será preenchida, mas o amor será sempre eterno.

AGRADECIMENTO

Sou grato a todos que colaboraram para a realização deste trabalho acadêmico. Em primeiro lugar, agradeço a Deus e ao meu pai Oxóssi por me concederem a força, resiliência, coragem e a sabedoria para superar os desafios na honrosa missão de construir o conhecimento. Aos meus pais, Alonso e Maria da Glória, e ao meu padrasto, André, que sempre torceram pelo meu sucesso, pela minha vitória e que contribuíram para a formação de uma base sólida do meu caráter. À minha irmã e amiga Gaia, que me apoiou em todos os desafios, e à minha ialorixá, Dagmar, que me acolheu como mãe em todos os momentos de dificuldade.

Um agradecimento especial eu ofereço à minha esposa, Ana Paula, e aos meus filhos, Davi e Thor. Vocês são a fonte de todas as minhas forças, onde encontro minha paz, deposito todo meu amor e por quem sou capaz de grandes sacrifícios. Sei que os momentos de ausência, mesmo estando presente, nunca poderão ser recompensados. O sacrifício de vocês também foi grande.

Por fim, agradeço à Escola de Guerra Naval, aos seus oficiais e praças, especialmente ao meu orientador, CMG (RM1) Jobim, por toda a atenção, ensinamentos, amizade e pela sua paciência e dedicação. O conhecimento transmitido será valioso e de grande estima por toda a minha vida profissional.

Muito obrigado

“Mas Jesus imediatamente lhes disse:
‘Coragem! Sou eu. Não tenham medo!’”

Mateus 14,27

RESUMO

Este trabalho acadêmico aborda o emprego do poder militar contra o terrorismo, realizando uma análise comparativa entre duas operações especiais: a Operação *Neptune Spear* (2011) e a Operação *Nimrod* (1980). O estudo explora o conceito de Superioridade Relativa de McRaven, que afirma que forças militares, mesmo com pequenos efetivos, mas altamente treinadas, podem obter uma vantagem decisiva sobre inimigos, em posições bem fortificadas, através da surpresa, preparação rigorosa e execução eficiente. A Operação *Neptune Spear* resultou na captura e morte de Osama bin Laden, líder da Al Qaeda, enquanto a Operação *Nimrod* visou resolver o cerco à embaixada iraniana em Londres, resgatando reféns e neutralizando os sequestradores. Ambas as operações destacam a importância da inteligência, tecnologia avançada e trabalho interagências para o sucesso das intervenções militares contra o terrorismo. A análise comparativa revela similaridades e singularidades que oferecem lições valiosas para futuras operações militares, enfatizando a necessidade de planejamento meticuloso, segurança operacional, treinamento exaustivo, e a capacidade de adaptação rápida às fricções da guerra. Esses elementos são essenciais para enfrentar a ameaça terrorista na modernidade, quando a globalização e os avanços tecnológicos ampliam o alcance e o impacto dos atos terroristas.

Palavras-chave: Terrorismo. Operação *Neptune Spear*. Operação *Nimrod*. McRaven. Clausewitz. Superioridade Relativa. Fricção de Guerra. Princípio da Surpresa.

ABSTRACT

The Use of Military Power Against Terrorism: a comparative analysis between the operations Neptune Spear (2011) and Nimrod (1980)

This academic work addresses the use of military power against terrorism, conducting a comparative analysis between two special operations: Operation Neptune Spear (2011) and Operation Nimrod (1980). The study explores McRaven's concept of Relative Superiority, which asserts that military forces, even with small numbers but highly trained, can gain a decisive advantage over enemies in well-fortified positions through surprise, rigorous preparation, and efficient execution. Operation Neptune Spear resulted in the capture and death of Osama bin Laden, leader of Al Qaeda, while Operation Nimrod aimed to resolve the siege of the Iranian embassy in London, rescuing hostages and neutralizing the captors. Both operations highlight the importance of intelligence, advanced technology, and interagency cooperation for the success of military interventions against terrorism. The comparative analysis reveals similarities and singularities that offer valuable lessons for future military operations, emphasizing the need for meticulous planning, operational security, exhaustive training, and the ability to quickly adapt to the frictions of war. These elements are essential to address the terrorist threat in modern times, where globalization and technological advances amplify the reach and impact of terrorist acts.

Keywords: Terrorism. Operation Neptune Spear. Operation Nimrod. McRaven. Clausewitz. Relative Superiority. Friction of War. Principle of Surprise.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AID	–	<i>Agency for International Development</i>
BBC	–	<i>British Broadcasting Corporation</i>
CIA	–	<i>Central Intelligence Agency</i>
COBR	–	<i>Cabinet Office Briefing Rooms</i>
DEVGRU	–	<i>Development Group</i>
EUA/USA	–	Estados Unidos da América
FBI	–	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
GIGN	–	<i>Groupe d'Intervention de la Gendarmerie Nationale</i>
GSC-9	–	<i>Grenzschutzgruppe 9</i>
MI5	–	<i>Military Intelligence, Section 5</i>
MI6	–	<i>Military Intelligence, Section 6</i>
MUKUB	–	<i>Maktab al-Khidmat ul-Mujahideen ul-Arab</i>
NSA	–	<i>National Security Agency</i>
OpeEsp	–	Operações Especiais
SAS	–	<i>Special Air Service</i>
SEALs	–	<i>Sea, Air, and Land Teams</i>
URSS	–	União da Repúblicas Socialistas Soviéticas
US Navy	–	Marinha dos EUA

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O TERRORISMO MODERNO	11
3 A SUPERIORIDADE RELATIVA	15
4 AS OPERAÇÕES ESPECIAIS <i>NEPTUNE SPEAR</i> E <i>NIMROD</i>	20
4.1 A OPERAÇÃO <i>NEPTUNE SPEAR</i>	20
4.1.1 Precedentes Históricos	20
4.1.2 A formação dos <i>Navy SEALs</i>	22
4.1.3 A execução da Operação <i>Neptune Spear</i>	24
4.1.4 A Contribuição do Trabalho Interagências, da Inteligência e da Tecnologia na Operação <i>Neptune Spear</i>	25
4.2 A OPERAÇÃO <i>NIMROD</i>	26
4.2.1 Os precedentes Históricos	27
4.2.2 A Formação do SAS britânico	28
4.2.3 A execução da Operação <i>Nimrod</i>	29
4.2.4 A Contribuição do Trabalho Interagências, da Inteligência e da Tecnologia na Operação <i>Nimrod</i>	32
5 ANÁLISE COMPARATIVA DAS OPERAÇÕES <i>NEPTUNE SPEAR</i> E <i>NIMROD</i>	35
5.1 SINGULARIDADES	35
5.2 SIMILARIDADES DAS OPERAÇÕES	37
6 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Embora o terrorismo não seja uma novidade na história, a ameaça terrorista ganhou novos contornos na modernidade. O fenômeno não está mais limitado a fronteiras nacionais. Muitos grupos terroristas operam internacionalmente, conectando-se com outras organizações para obter apoio logístico, financeiro e ideológico. Essa internacionalização facilita a realização de ataques, cada vez mais letais nos últimos anos, em escala global, e torna mais complexos os esforços de enfrentamento por parte dos Estados.

Outro aspecto relevante é que a difusão dos meios de comunicação e avanços tecnológicos como a internet (com uma rápida e abrangente circulação de notícias) potencializam o efeito psicológico dos atos terroristas, ampliando sua capacidade de influenciar a audiência e a opinião pública, e fragilizando governos.

Desse modo, as ameaças terroristas são um desafio que precisa ser enfrentado. Nesse contexto, a presente dissertação pretende encontrar elementos que contribuam para futuras intervenções militares contra essas ameaças, através da pesquisa e análise comparativa de duas operações militares bem-sucedidas e mundialmente conhecidas: a *Neptune Spear* (2011) e a *Nimrod* (1980).

A primeira foi uma operação americana que culminou com a morte do então líder da Al Qaeda, Osama bin Laden, responsável pelos atentados terroristas que deixaram mais de 3 mil mortos, em Nova York, em 11 de setembro de 2001. A outra foi uma intervenção britânica que solucionou um cerco de terroristas, com reféns, à embaixada do Irã, em Londres, 1980.

Neste contexto, cabe ressaltar que a ação de grupos militares de pequeno efetivo, e especialmente treinados contra inimigos em posição fortificada, como foi o caso das operações citadas, é defendida pelo almirante americano William H. McRaven (autor de *SPEC OPS – Case Studies In Special Operations Warfare: Theory and Practice*).

McRaven argumenta que pequenas tropas muito bem-preparadas, segundo certos princípios operacionais, são capazes de garantir vantagem (superioridade relativa) contra inimigos que, a princípio encontram-se em condições mais favoráveis. Esse arcabouço teórico está na base das Operações Especiais.

Além das táticas e estratégias militares, a dissertação também abordará as dimensões políticas e simbólicas das operações. Serão analisados fatores

fundamentais para o sucesso de operações especiais, incluindo treinamento intensivo dos militares, uso de tecnologia avançada, inteligência robusta e trabalho interagências, elementos essenciais desde a fase de planejamento até a execução.

À luz do trabalho de McRaven, será feita uma análise comparativa das Operações *Neptune Spear* e *Nimrod*, considerando singularidades e similaridades, a fim de destacar aspectos que possam contribuir para futuras intervenções militares contra o terrorismo.

Mediante o exposto, esta dissertação foi dividida em seis capítulos, a saber: Introdução; O terrorismo moderno; A superioridade relativa; As Operações Especiais *Neptune Spear* e *Nimrod*; Análise comparativa das Operações *Neptune Spear* e *Nimrod*; e Conclusão.

2 O TERRORISMO MODERNO

À medida que atos terroristas fazem cada vez mais vítimas e espalham a sensação de terror no mundo – na forma de atentados, sequestros e ações de grupos ou pessoas – é fundamental compreender o fenômeno para enfrentá-lo de forma eficiente. De acordo com o *Institute for Economics & Peace* (2024, p.13), embora o número de ataques terroristas tenha decrescido desde 2015, os atos têm sido mais letais. Em 2023 os números chegaram a 8,3 mil mortes no mundo, o maior índice desde 2017.

Nesse contexto, o primeiro desafio no esforço para compreensão do terrorismo é o fato de não existir um consenso acerca da definição do termo. “O rótulo tem sido usado pelos governos, mídia e até mesmo pelos acadêmicos para indicar fenômenos que têm muito pouco em comum” (Chaliand; Blin, 2017, p. 10). Conforme Brian Jenkins (1980, p. 1 *apud* Gonçalves; Reis, 2017, p. 5), a palavra passou a ser usada de “maneira promíscua”, sendo aplicada indistintamente e de forma pejorativa para rotular atos de grupos oponentes.

Assim, por exemplo, alguns governos denominam atos violentos de seus adversários políticos como terrorismo enquanto extremistas se denominam vítimas de terror estatal. Dessa forma, o termo é comumente usado em associação com um ponto de vista, envolvendo um julgamento moral dos atos do lado adversário (Gonçalves; Reis, 2017).

Até mesmo entre os países e organizações internacionais não há uma abordagem consensual para o terrorismo definindo parâmetros universais por meios dos quais se possa analisar, julgar e punir os atos sempre que praticados (Chaliand; Blin, 2017). Mesmo a Organização das Nações Unidas (ONU), “apesar de já ter patrocinado diversas convenções relacionadas ao tema, ainda não chegou a um consenso sobre o conceito de terrorismo” (Gonçalves; Reis, 2017, p. 7).

É provável que um motivo para essa falta de consenso, esteja no fato de que o terrorismo é um fenômeno histórico que assumiu diferentes facetas ao longo do tempo. Considerando, em linhas gerais, que se trata do uso de violência contra oponentes para alcançar objetivos políticos, sempre houve grupos e pessoas que recorreram a essa abordagem.

Ao longo da história, foi empregado como a última esperança do mais fraco,

o recurso que pode impelir o débil a ganhar o combate contra o forte, mas também como instrumento de poder de governos e organizações, tem-se manifestado sob diferentes formas ao longo dos séculos, e junto a distintos povos e regiões (Gonçalves; Reis, 2017, p. 23).

Desta forma, observa-se que o terrorismo tem sido empregado por diferentes grupos ao longo da história, com diversos objetivos, e até mesmo pelo próprio Estado. Segundo o historiador Walter Laqueur, a dificuldade em se ter um conceito de aceitação universal para o terrorismo está associada “à grande variedade de circunstâncias em que ocorre esse tipo de violência e das numerosas e diversificadas razões daqueles que recorrem a essas práticas” (Gonçalves; Reis, 2017, p. 5).

Assim, embora não haja um conceito universalmente aceito do que seja o terrorismo, o enfrentamento do problema requer referências que permitam identificá-lo e compreendê-lo, tal como se apresenta atualmente. Assim, para além de uma perspectiva puramente moralista – que enxerga os eventos como distorções sociais ou políticas – é importante encarar o terrorismo dentro de uma abordagem técnica, tratando-o como um método utilizado para alcançar determinados objetivos (Chaliand; Blin, 2017).

Neste sentido, vale mencionar o trabalho de dois investigadores holandeses da Universidade de Leiden, Alex Schmid e Albert Jongman. Foram analisadas 109 definições acadêmicas e oficiais de terrorismo em busca dos principais componentes. A violência foi incluída em 83,5% das definições, os termos políticos encontrados em 65%, enquanto 51% enfatizavam o elemento de infligir medo e terror. Em 21% das definições se relacionavam com arbitrariedade e alvos indiscriminados. Em 17,5% incluíam a vitimização de civis, não-combatentes, neutros ou estrangeiros (Chaliand; Blin, 2017).

Em consonância com esse resultado, uma análise detalhada das definições oficiais reunidas pelos pesquisadores, ressaltou três elementos comuns: uso da violência; objetivos políticos e a intenção de semear medo em população alvo. No entanto, apenas esses elementos não são suficientes para diferenciar o terrorismo de outras formas de violência.

Para melhor caracterizar o fenômeno na atualidade, vale destacar outros aspectos que se associam aos componentes citados para delinear o terrorismo moderno. Primeiro, as ações violentas motivadas por objetivos políticos visam criar

impacto psicológico significativo, desproporcional aos resultados físicos reais. Isso é feito para influenciar a audiência e a opinião pública, utilizando a violência como uma ferramenta para forçar mudanças políticas e sociais (Chaliand; Blin, 2017).

Nesse aspecto, a difusão dos meios de comunicação na modernidade, com destaque para avanços tecnológicos como a internet, potencializa o impacto psicológico que o terrorismo busca causar. Através da cobertura dos meios de comunicação, o medo e a mensagem dos terroristas terminam por se espalhar como pretendem (Chaliand; Blin, 2017).

Outra característica do terrorismo moderno, é ser praticado por indivíduos ou grupos geralmente pequenos (embora alguns possam ter milhares), e fazer uso de métodos indiscriminados, que podem incluir sequestros, assassinatos, carros-bomba e ataques a civis e símbolos do estado (Chaliand; Blin, 2017).

Vale ressaltar que o fenômeno não está mais limitado a fronteiras nacionais. Muitos grupos terroristas operam internacionalmente, conectando-se com outras organizações para obter apoio logístico, financeiro e ideológico. Essa internacionalização facilita a realização de ataques em escala global e complica os esforços de enfrentamento ao terrorismo por parte dos estados. (Chaliand; Blin, 2017).

A capacidade de se adaptar a novas circunstâncias e utilizar novas tecnologias e estratégias é outra característica central do terrorismo moderno. Além disso, muitas vezes, os atos terroristas são justificados pelos perpetradores como uma forma de luta legítima contra opressões percebidas. Esse tipo de justificativa moral é usada para atrair apoio e recrutar novos membros, reforçando a ideia de que o fim justifica os meios (Chaliand; Blin, 2017).

Desta maneira, tendo sido abordados os desafios conceituais e delineados alguns dos componentes fundamentais do terrorismo moderno, vale ressaltar que:

o fenômeno tem causas, acontece dentro de uma lógica, e não compreende atos confusos e sem objetivos ou estratégias. Grupos terroristas seguem uma estratégia determinada por um comando superior, com o fim de mudar a realidade conforme orientação ideológica específica. Os objetivos da organização terrorista são detalhadamente selecionados dentro da estratégia proposta e o terrorismo é a tática para atingir alvos e alcançar objetivos. (Gonçalves; Reis, 2017, p. 120).

Assim sendo, o emprego do poder militar contra o terrorismo também precisa ser estratégico, como será observado nas duas operações bem-sucedidas e mundialmente conhecidas, *Neptune Spear* e *Nimrod*, objeto desta dissertação.

Na *Neptune Spear* (2011), a força especial americana *Navy SEALs* invadiu um esconderijo no Paquistão e matou o então líder da Al Qaeda, Osama Bin Laden, principal responsável pelos ataques terroristas que chocaram os Estados Unidos e o mundo dez anos antes. Na *Nimrod* (1980), a força especial britânica *Special Air Service* (SAS) pôs fim a um cerco terrorista à embaixada do Irã em Londres, resgatando a maior parte dos reféns envolvidos.

Embora a distância geográfica, temporal e o contexto que separam as duas operações, através de uma análise comparativa, pretende-se mostrar nesta dissertação, que há um conjunto de elementos presentes em ambas que foram fundamentais para o êxito contra as ameaças terroristas que enfrentaram.

Esses elementos permitiram às forças militares atacantes superar a vantagem inicial dos terroristas, como será explicado, e garantir o sucesso das operações. No próximo capítulo, serão apresentados alguns desses elementos, à luz do conceito de superioridade relativa, concepção fundamental para compreensão da lógica das Operações Especiais.

3 A SUPERIORIDADE RELATIVA

Segundo o general prussiano e teórico da guerra Carl Von Clausewitz¹ (2007), um inimigo em posição fortificada tem vantagem sobre quem pretende atacá-lo. Uma posição fortificada pode ser um esconderijo (como as instalações em que estava Osama Bin Laden, na Operação *Neptune Spear*) ou um prédio (como o da embaixada do Irã em Londres, na *Nimrod*), por exemplo.

Nessas posições, o inimigo está na defensiva que, conforme Clausewitz (2007), é uma posição “mais vigorosa” do que a ofensiva, contribuindo para o poder de resistência do inimigo. A defensiva, nesse caso, representa uma vantagem em relação a forças atacantes.

Segundo o almirante William H. McRaven² (1996), a melhor forma de superar essa vantagem inicial de adversários bem fortificados é contar com uma força atacante muito bem-preparada, mesmo que tenha um pequeno efetivo numérico. Uma preparação meticulosa, feita sob alguns princípios (que serão explicados adiante), podem levar essa tropa de elite a alcançar o que McRaven chama de “superioridade relativa”, abrindo caminho para o êxito da missão:

De forma simples, a superioridade relativa é uma condição que se obtém no momento que uma força atacante, geralmente menor, consegue uma vantagem decisiva sobre um inimigo maior ou bem-fortificado (McRaven, 1996, p.9, tradução nossa)³

Essa abordagem teórica é fundamental para compreensão da lógica das Operações Especiais (OpeEsp), em que se enquadram as operações *Neptune Spear* e a *Nimrod*, objeto desta dissertação. Grupos militares pequenos e muito bem treinados buscam obter superioridade relativa como meio de alcançar o êxito contra inimigos bem fortificados.

Assim, no momento do engajamento, logo que se obtém a superioridade relativa, a força atacante deixa de estar em desvantagem e pode tomar a iniciativa, aproveitando as vulnerabilidades do inimigo. Uma vez alcançada esta vantagem, ela

¹ Carl Von Clausewitz (1780-1831) foi teórico da guerra. Sua principal obra “Da Guerra”, é considerada basilar na aplicação do conhecimento científico moderno nos assuntos bélicos.

² William Harry McRaven é Almirante-de-Esquadra da reserva da Marinha dos Estados Unidos da América e dedicou sua carreira às Operações Especiais como US Navy Seal. Dentre seus cargos, foi Comandante do Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos da América. Foi responsável planejar e supervisionar a Operação *Neptune Spear*. (Wright, 2006)

³ Simply stated, relative superiority is a condition that exists when an attacking force, generally smaller, gains a decisive advantage over a larger or well-defended Enemy.

precisa ser mantida para garantir o sucesso da operação (McRaven, 1996).

Na Operação *Neptune Spear*, os terroristas que ocupavam o complexo onde se escondia Osama bin Laden, no Paquistão, tinham a vantagem da defensiva. Os *Navy SEALs* obtiveram superioridade relativa quando conseguiram entrar nessa área sem ser detectados. Esse ponto chave foi alcançado ao utilizar helicópteros furtivos para pousar dentro do complexo, pegando os ocupantes de surpresa, sem chamar atenção dos guardas ou residentes (Owen, 2012).

A partir desse momento, os *SEALs* mantiveram a iniciativa e neutralizaram rapidamente os alvos, garantindo que a operação continuasse a seu favor. Se tivessem sido detectados durante a aproximação ou entrada inicial, a situação poderia ter escalado rapidamente, e a superioridade relativa teria sido perdida.

Já na Operação *Nimrod*, o momento de superioridade relativa foi alcançado quando o SAS britânico iniciou o assalto ao prédio da Embaixada Iraniana. Eles obtiveram essa vantagem ao explodir janelas simultaneamente, invadindo o prédio de múltiplas entradas e pegando os terroristas completamente desprevenidos (Fremont-Barnes, 2009).

A entrada rápida e coordenada permitiu que o SAS neutralizasse os terroristas antes que pudessem reagir ou causar dano significativo aos reféns. Esse ponto de invasão inicial foi o momento chave. Se os terroristas tivessem conseguido se reagrupar ou contra-atacar durante os primeiros segundos do assalto, a superioridade relativa teria sido perdida, e o resultado poderia ter sido muito diferente.

Ademais, McRaven (1996) explica que a superioridade relativa é obtida através de seis princípios, distribuídos nas três fases das OpeEsp: planejamento, preparação e execução. O princípio da simplicidade prevalece no planejamento. Os princípios da segurança e repetição fazem parte da preparação. Na execução, estão presentes os princípios da surpresa, velocidade e propósito. Importante destacar que os seis princípios estão interconectados e se apoiam mutuamente.

Primeiramente, a simplicidade preconiza a elaboração de um plano simples, capaz de assegurar que os outros princípios possam ser implementados. Planos complexos requerem uma segurança maior na fase de preparação e ensaios. Um plano simples facilita a repetição, que é necessária para aperfeiçoar a execução e alcançar a surpresa desejada, transformando manobras inicialmente complexas em tarefas mais gerenciáveis através de treinos e ensaios constantes (McRaven, 1996).

Em seguida, na fase de preparação, “adequada segurança e contínua repetição têm um impacto direto na capacidade da força atacante de obter a surpresa e conseguir a rapidez na fase de execução”⁴ (McRaven, 1996, p. 14, tradução nossa). A segurança é um aspecto fundamental para impedir que o inimigo se beneficie de informações prévias sobre um ataque iminente.

Enquanto isso, o princípio repetição, manifestado no adestramento e nos ensaios conduzidos antes da missão, constitui o vínculo entre o princípio simplicidade (planejamento) e os princípios surpresa e rapidez (execução). A repetição aperfeiçoa as habilidades no nível individual e coletivo, ao mesmo tempo que ensaios exaustivos revelam as vulnerabilidades do plano (McRaven, 1996).

Já o princípio velocidade enfatiza a necessidade de atingir o objetivo da missão o mais rápido possível, minimizando a vulnerabilidade e maximizando as chances de alcançar a superioridade relativa. Deste modo, qualquer atraso pode comprometer significativamente a missão, já que as tropas, por serem pequenas e ágeis, carregam armas leves e não estão equipadas para engajamentos prolongados contra inimigos convencionais. O imperativo de rapidez está bastante ligado à eficácia da repetição nos treinamentos e ensaios pré-missão (McRaven, 1996).

Quanto ao princípio surpresa, em virtude da posição fortificada, normalmente, o inimigo está preparado para um ataque. Nesse caso, a surpresa significa apanhá-lo desprevenido. McRaven usa a analogia de dois pugilistas no ringue para explicar: “cada um está preparado para neutralizar o soco do outro. No entanto, apesar da sua preparação, alguns socos atingem o alvo”⁵ (McRaven, 1996, p. 22, tradução nossa).

Por fim, tem-se o princípio propósito. Embora fique mais evidente na execução, todas as fases devem remeter-se a ele. O propósito implica entender e atingir o principal objetivo da missão, independente dos obstáculos. Este princípio tem dois aspectos. Primeiro, deve estar claramente definido no enunciado da missão (na *Neptune Spear*, neutralizar Osama bin Laden e, na *Nimrod*, resgatar os reféns e neutralizar a ameaça terrorista). Segundo, o propósito requer comprometimento

⁴ *Constant repetition, as manifested in training and premission rehearsals, is the link between the principle of simplicity in the planning phase and the principles of surprise and speed in the execution phase.*

⁵ *Like two boxers in a ring, each is prepared to parry the other ghter's punches, but even with preparation, punches are landed.*

pessoal. “É imprescindível que os executantes sejam inspirados por um sentido de dedicação pessoal que não tenha limites”⁶ (McRaven, 1996, p. 28, tradução nossa).

McRaven explica que a aplicação integrada desses seis princípios e a busca pela superioridade relativa são particularidades das operações especiais, realizadas por pequenos efetivos altamente treinados. Não que tropas maiores não possam aplicar alguns desses princípios com sucesso. Porém, “é difícil elaborar planos simples para grandes efetivos, obter surpresa tática, incrementar a rapidez da ação no objetivo, e motivar todos os combatentes da unidade para alcançar um único objetivo”⁷ (McRaven, 1996, p. 13, tradução nossa)

Na defesa de que operações especiais, com efetivos por vezes menores e mais bem treinados, representam a estratégia ideal de intervenção militar contra adversários bem fortificados. McRaven (1996) destaca que grandes contingentes são mais vulneráveis às “fricções da guerra”, termo cunhado por Clausewitz para descrever os inúmeros imprevistos e incidentes que surgem durante o desenrolar de conflitos reais e que não podem ser completamente previstos em um planejamento teórico da guerra.

As fricções afetam diretamente o resultado da guerra. São exemplos de fricções as avarias, o mau tempo, a opinião pública etc. “Os princípios das operações especiais funcionam porque procuram reduzir a guerra ao nível mais simples e, dessa forma, limitar os efeitos negativos do azar, da incerteza e da vontade do inimigo”⁸ (McRaven, 1996, p. 13, tradução nossa). Assim, as OpEsp conseguem reduzir as fricções da guerra a níveis gerenciáveis.

Por fim, o almirante McRaven (1996) ressalta que também são vantagens inerentes às OpeEsp a parceria com órgãos de inteligência a nível nacional e o uso de tecnologia de ponta. Os dados fornecidos pela inteligência permitem um foco mais nítido nos aspectos críticos da missão, garantindo que todos os elementos sejam coordenados para explorar ao máximo as fraquezas identificadas do inimigo.

Por todas as características mencionadas, com forças especiais treinadas para realizar missões específicas e cirúrgicas, utilizando técnicas de infiltração e ataque rápido, as OpeEsp têm sido usadas para neutralizar ameaças que exigem

⁶ *the men must be inspired with a sense of personal dedication that knows no limitations.*

⁷ *it is difficult for large forces to develop a simple plan, keep their movements concealed, conduct detailed full-dress rehearsals (down to the individual soldier's level), gain tactical surprise and speed on target, and motivate all the soldiers in the unit to a single goal.*

⁸ *The principles of special operations work because they seek to reduce warfare to its simplest level and thereby limit the negative effects of chance, uncertainty, and the enemy's will.*

respostas ágeis e adaptáveis às mudanças rápidas do cenário de combate, como acontece no enfrentamento ao terrorismo.

Outrossim, a importância dos conceitos estudados para operações como *Neptune Spear* e *Nimrod* não pode ser subestimada. Eles demonstram como a superioridade relativa, alcançada através da aplicação estratégica dos princípios de Operações Especiais, pode transformar missões de alto risco em sucessos decisivos. Assim, a teoria de McRaven destaca a eficácia das Operações Especiais em superar as vantagens defensivas do inimigo, mesmo em cenários fortemente protegidos.

No próximo capítulo, serão abordadas, separadamente, as Operações *Neptune Spear* e *Nimrod*, de forma a permitir, em seguida, uma análise comparativa, ressaltando similaridades e singularidades no combate às ameaças terroristas que enfrentaram.

4 AS OPERAÇÕES ESPECIAIS *NEPTUNE SPEAR* E *NIMROD*

O estudo das operações pretende oferecer um panorama geral de cada uma destacando aspectos relevantes para o êxito que alcançaram. Para isso, será feita uma abordagem em quatro seções, em que se pretende abordar os precedentes históricos (delineando as ameaças terroristas enfrentadas), a formação das forças especiais em questão, a execução de cada operação e, por fim, a contribuição da inteligência, da colaboração interagências e da tecnologia de ponta.

4.1 A OPERAÇÃO *NEPTUNE SPEAR*

A Operação *Neptune Spear* pôs fim à busca de dez anos pelo então líder da Al Qaeda, Osama bin Laden, responsável por um dos maiores ataques terroristas da história moderna. Em 11 de setembro de 2001, extremistas islâmicos sequestraram quatro aviões no espaço aéreo dos Estados Unidos, jogando-os contra prédios-símbolo do poder americano. O episódio resultou em cerca de 3 mil mortos em Nova Iorque e Washington, DC, incluindo uma tentativa de ataque direto ao Pentágono.

A incapacidade dos serviços de inteligência em prevenir tais ataques, apesar de sinais ao longo dos anos, foi alarmante e as consequências trágicas. Na seção a seguir, serão analisados os precedentes históricos do 11 de setembro, abordando as origens e motivações da Al Qaeda, do governo do Talibã e elementos ideológicos por trás do atentado.

4.1.1 Precedentes Históricos

No fim dos anos 1970, a redefinição da noção de jihad⁹ como uma obrigação islâmica fundamental, não apenas defensiva, mas também ofensiva, impulsionou um crescimento do extremismo religioso. Ao mesmo tempo, a invasão soviética ao Afeganistão, em 1979, exacerbou conflitos religiosos e étnicos (Chaliand; Blin, 2017).

⁹ Luta ou esforço do indivíduo para o seu próprio bem ou para o bem coletivo, interpretada pelos que a perpetram como “guerra santa” (Chaliand; Blin, 2017).

Por sua vez, os Estados Unidos, junto com Arábia Saudita e Paquistão, apoiaram os soldados afegãos (*mujahideen*) contra a invasão soviética, oferecendo apoio logístico e enviando armas. Assim como muitos muçulmanos estrangeiros, o saudita Osama bin Laden lutava ao lado dos *mujahideen*, e estava entre os líderes de uma organização que arrecadava recursos, armas e combatentes para o Afeganistão. Em fevereiro de 1989, as tropas soviéticas foram derrotadas e deixaram o país (Chaliand; Blin, 2017).

Paralelamente, a revolução iraniana de 1979 fortaleceu o islamismo radical xiita, influenciando o surgimento de táticas de atentados suicidas e inspirando movimentos radicais. Bin Laden e outros líderes formaram a Al Qaeda, visando expandir a luta *jihadista* para além das fronteiras afegãs (Chaliand; Blin, 2017).

A ascensão do Talibã no Afeganistão, após a guerra civil entre as facções *mujahideen*, refletiu o desespero da população por estabilidade. O Talibã se expandiu rapidamente com o apoio do Paquistão e da Arábia Saudita, conquistando grande parte do território afegão e implementando um regime baseado em uma interpretação estrita da sharia, o conjunto de regras do livro sagrado do islã. (Chaliand; Blin, 2017).

Tendo deixado o Afeganistão após o fim da invasão soviética, Osama bin Laden retornou ao país, oferecido como refúgio pelo Talibã, em 1996. Bin Laden encontrou no Afeganistão um ambiente propício para reorganizar a Al Qaeda, recrutar novos membros, fortalecer sua rede de apoio e planejar futuros ataques, como os eventos de 11 de setembro de 2001, que mudariam drasticamente o cenário global de segurança e iniciariam uma intensa resposta militar e política dos Estados Unidos e seus aliados (Chaliand; Blin, 2017).

Ainda na década de 1990, os homens que se dirigiam ao Afeganistão para treinamento na Al Qaeda eram predominantemente de classes médias ou altas, com um elevado nível educacional. Além das qualificações acadêmicas, boa parte dos recrutas da Al Qaeda compartilhavam uma sensação de deslocamento. Muitos eram imigrantes ou viviam fora de seus países de origem, como argelinos na França, marroquinos na Espanha, ou iemenitas na Arábia Saudita (Chaliand; Blin, 2017).

Essa marginalização era uma constante também para paquistaneses em Londres, libaneses no Kwait, e egípcios no Brooklyn. Sentindo-se marginalizados nas sociedades em que viviam, encontravam nas mesquitas não só um espaço de oração, mas uma comunidade que oferecia consolação e uma identidade mais

profunda (Chaliand; Blin, 2017). Essa busca por comunidade e identidade misturadas à alienação e à raiva dos jovens muçulmanos era muitas vezes canalizada dentro das mesquitas, onde líderes fundamentalistas pregavam as glórias da *jihad*.

Incitados por essa retórica fervorosa e pelas lendas das vitórias contra os soviéticos, esses jovens acabavam indo para o Afeganistão. Entre 1996 e 2001, milhares de indivíduos passaram pelos campos de treinamento afegãos da Al Qaeda. As metas utópicas da organização incluíam estabelecer o governo de Deus na Terra, alcançar o martírio pela causa divina e purificar as fileiras do Islã de elementos corruptos (Chaliand; Blin, 2017).

Assim, havia campos de especialização em sequestro, espionagem, preparo de bombas e técnicas de assassinato, refletindo a crescente evolução das técnicas usadas pela Al Qaeda para lutar contra seus principais inimigos. Os principais alvos da Al Qaeda eram os “hereges” (como os líderes do Egito), os xiitas, os Estados Unidos e Israel (Chaliand; Blin, 2017).

Esses alvos refletiam a visão da Al Qaeda sobre os principais adversários no cenário global, com a organização empenhada em uma luta abrangente contra esses inimigos percebidos. A presença americana no Oriente Médio, seu apoio a Israel e sua cultura considerada permissiva, aumentava ainda mais o ódio de movimentos islâmicos que cresceram e se espalharam especialmente após a Revolução Iraniana e a invasão soviética, em 1979.

Era nesse contexto que evoluíam as táticas da Al Qaeda, mostrando uma organização determinada a refinar continuamente suas metodologias para alcançar impacto máximo. A organização progrediu em suas capacidades operacionais e na sua disposição para explorar diferentes abordagens e alvos, culminando nos ataques de 11 de setembro de 2001.

O atentado que chocou o mundo foi o resultado da combinação do ódio de movimentos extremistas, liderança, financiamento e organização de Osama bin Laden junto a Al Qaeda e falhas da inteligência americana. A maior potência econômica e militar do planeta encontrou dificuldades para prever um ataque terrorista em seu próprio território.

4.1.2 A formação dos Navy SEALs

Neste tópico, pretende-se apresentar uma breve história da força especial que executou a Operação *Neptune Spear*. Os *Navy SEALs*, unidade de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos, têm suas raízes na Segunda Guerra Mundial, mas foi após o fracasso da Operação Garra de Águia, em 1980, que a necessidade de uma força ainda mais especializada se tornou evidente (Owen, 2012).

A Operação Garra de Águia foi uma tentativa desastrosa de resgatar 52 reféns americanos na embaixada dos Estados Unidos em Teerã, no Irã. O fracasso da missão, devido a falhas de coordenação e execução, expôs as deficiências nas capacidades antiterroristas das forças militares americanas (Owen, 2012).

Reconhecendo a necessidade de uma força de Operações Especiais capaz de realizar missões de alta complexidade com precisão e eficácia, a Marinha dos Estados Unidos encarregou Richard Marcinko de formar uma unidade antiterrorista de elite. Em 1980, nasceu o *SEAL Team Six* (Equipe Seis do *SEAL*), com o nome escolhido estrategicamente para confundir os soviéticos, fazendo-os acreditar que os Estados Unidos tinham mais equipes *SEAL* do que realmente possuíam (Owen, 2012).

Em 1987, o *SEAL Team Six* foi reorganizado como Development Group (DEVGRU), tornando-se a principal unidade de Operações Especiais da Marinha dos EUA, com foco em antiterrorismo, resgate de reféns e ações contra alvos de alto valor. Após o 11 de setembro de 2001, suas operações foram intensificadas no Iraque e Afeganistão, voltando-se principalmente contra alvos da Al-Qaeda e do Talibã. Embora envolvido em diversas missões críticas, a operação mais notável do DEVGRU foi a *Neptune Spear* (Owen, 2012).

A meticulosa preparação dos *SEALs*, incluindo ensaios repetidos em réplicas do complexo de Bin Laden, ressalta o compromisso com a precisão e a minimização de erros e baixas civis. Esta abordagem cuidadosa e detalhada na execução de uma das operações mais críticas da história militar recente não só garantiu o sucesso da missão, mas também demonstrou a importância da integração entre tecnologia avançada e táticas operacionais eficazes (Owen, 2012).

A evolução dos *Navy SEALs* até a formação do DEVGRU reflete a adaptação contínua e o aprimoramento das capacidades de Operações Especiais dos Estados Unidos à medida que desafios como o terrorismo se intensificaram. Trata-se de uma

das unidades de Operações Especiais mais respeitadas e eficazes do mundo.

4.1.3 A execução da Operação *Neptune Spear*

Determinados a capturar Osama bin Laden, os Estados Unidos concentraram esforços significativos em inteligência e planejamento militar, culminando na operação *Neptune Spear*. Após mais de uma década de busca, oficiais de inteligência dos EUA conseguiram localizar bin Laden rastreando um de seus mensageiros confiáveis (Owen, 2012).

A descoberta do esconderijo em Abbottabad, no Paquistão, levou o presidente Obama e seus principais assessores de segurança nacional a formularem um plano de ação cuidadoso ao longo de seis semanas, durante as quais se reuniram quatro vezes (Owen, 2012).

Inicialmente, foi considerada a possibilidade de bombardear o complexo com bombas de 2 mil libras por meio de bombardeiros furtivos B-2. Contudo, essa estratégia foi descartada pelo presidente Obama, que preferiu uma abordagem que minimizasse baixas civis e proporcionasse provas concretas da presença de bin Laden. Optou-se então por uma incursão terrestre, envolvendo a equipe *SEAL Team Six*, também conhecida como DEVGRU (Owen, 2012).

Já a preparação para a missão incluiu treinamentos intensos em instalações que replicavam o complexo de bin Laden, localizadas em ambas as costas dos Estados Unidos. Estes treinamentos incluíam diversas abordagens táticas para assegurar o sucesso da operação (Owen, 2012).

Em abril de 2011, adestramentos específicos foram intensificados, e as equipes da SEAL realizaram práticas simuladas no local replicado do esconderijo. A ordem final para prosseguir com a missão foi dada por Obama após um adiamento de 24 horas devido a condições climáticas desfavoráveis (Owen, 2012).

Finalmente, no dia 1º de maio de 2011, dois helicópteros transportaram os 24 membros da DEVGRU, da base em Jalalabad (Afeganistão) até o complexo de bin Laden em Abbottabad (Paquistão). Como medida para garantir o sigilo e a segurança da operação, as rotas de voo e o destino só foram revelados aos *SEALs* no último momento (Owen, 2012).

Já na chegada ao complexo, as habilidades da equipe militar foram testadas

quando problemas operacionais obrigaram uma das aeronaves a fazer um pouso forçado. Não havendo feridos, a equipe se reagrupou e deu continuidade aos planos, exibindo forte preparo mental num ambiente com extrema pressão e capacidade de adaptação frente aos desafios no campo de batalha (Owen, 2012).

Os *SEALs* usaram explosivos para romper as paredes do complexo e neutralizar os guardas. Após intensos confrontos, a equipe alcançou o terceiro andar, onde bin Laden foi encontrado e neutralizado após apresentar resistência. Toda operação foi realizada em cerca de 40 minutos (Owen, 2012).

Importante ainda mencionar a presença do presidente americano, participando ativamente das decisões táticas. Seu envolvimento foi importante para que os EUA obtivessem uma vitória em nível tático e estratégico. A captura de Osama Bin Laden, com o mínimo de baixas civis e com o máximo de eficiência militar, foi a combinação perfeita para conquistar a opinião pública e insuflar o patriotismo americano (Owen, 2012).

No entanto, a captura e morte de Osama bin Laden não foi apenas uma vitória militar - resultado da meticulosa preparação e treinamento dos *SEALs* -, mas também mostrou o valor da colaboração interagências, do investimento em inteligência e tecnologia, como será visto no tópico seguinte.

4.1.4 A Contribuição do Trabalho Interagências, da Inteligência e da Tecnologia na Operação *Neptune Spear*

A Operação *Neptune Spear* destaca não apenas a eficácia militar direta, mas também o investimento significativo dos Estados Unidos no aprimoramento de uma abordagem interagências. Este investimento incluiu uma expansão significativa no setor de inteligência e a integração de tecnologia de ponta, elementos importantes para o sucesso da missão.

A inteligência acumulada incluiu informações sobre comunicações, movimentos e associações essenciais para identificar e monitorar Abu Ahmed al-Kuwaiti, o mensageiro de Bin Laden e, por consequência, seu esconderijo em Abbottabad (Owen, 2012).

Isso só foi possível graças à colaboração entre diversas agências, como a FBI (Federal Bureau of Investigation), CIA (Central Intelligence Agency), NSA (National

Security Agency) e o Departamento de Defesa, demonstrando um modelo eficaz de sinergia operacional e compartilhamento de informações. Do lado militar, o Comando de Operações Especiais Conjuntas, então liderado pelo vice-almirante Bill McRaven, coordenou a missão executada pelos *Navy SEALs* (Owen, 2012).

No que diz respeito à tecnologia de ponta, o alto grau tecnológico empregado pelos *SEALs* foi exemplificado pelo uso de dois helicópteros UH-60 *Black Hawk*, especialmente modificados para a missão. Essas aeronaves foram adaptadas para reduzir a detecção por radar e ruído, facilitando a infiltração noturna na área fortificada de Abbottabad, sem alertar os ocupantes do complexo nem as forças locais paquistanesas. É preciso lembrar que o governo paquistanês não foi informado da operação a fim de preservar o sigilo e garantir a segurança (Owen, 2012).

Além dos helicópteros, os *SEALs* utilizaram equipamentos de vigilância avançados, que foram fundamentais para o sucesso da missão. Por exemplo, óculos de visão noturna (NVGs) de quatro tubos proporcionavam um campo de visão de 120 graus, significativamente superior aos óculos convencionais de dois tubos. Esses equipamentos permitiam ver as zonas periféricas com muito mais facilidade e aumentavam a consciência situacional. Essas tecnologias ilustram o papel da inovação na guerra moderna e destacam o comprometimento com a eficiência operacional (Owen, 2012).

Certamente, a Operação *Neptune Spear* serve como modelo para futuras operações, ilustrando a importância de uma abordagem integrada e tecnologicamente avançada no combate ao terrorismo. No próximo item, será abordada a Operação *Nimrod*.

4.2 A OPERAÇÃO NIMROD

Os eventos que culminaram na tomada da embaixada iraniana em Londres e levaram à Operação *Nimrod*, em 1980, estão profundamente enraizados nas tensões históricas e políticas da região do Khuzistão, no sudoeste do Irã. No tópico a seguir, será feita uma contextualização da ameaça terrorista que levou à operação.

4.2.1 Os precedentes Históricos

A região do Khuzistão, no Irã, conhecida localmente como Arabistão e rica em petróleo, tem sido um ponto de contínua discórdia entre seus habitantes e o governo central iraniano. Ao longo do século 20, várias rebeliões foram deflagradas pelo povo Khuzestani, visando maior autonomia, independência e maior proximidade com o Iraque, especialmente após a Segunda Guerra Mundial (Phillips, 2015).

Outrossim, a permanente insatisfação regional provocou greves e agitação civil que contribuíram para a queda do Xá e para o advento da Revolução Islâmica de 1979. O novo regime, sob a liderança do Aiatolá Ruhollah Khomeini, manteve a política de unificação forçada, apesar da oposição interna e do apoio externo do Iraque aos movimentos separatistas Khuzestani (Phillips, 2015).

Desta forma, os governos árabes, especialmente o Iraque, viram o novo governo iraniano com preocupação. O Aiatolá Khomeini declarava abertamente que a revolução seria exportada, e sua crença de que os clérigos deveriam governar por direito divino se opunha diretamente aos regimes seculares, como o do Iraque vizinho. Essa tensão foi aumentando significativamente pela diferença religiosa entre os dois países: enquanto a população do Irã e do Iraque era majoritariamente xiita, o Iraque era governado por sunitas (Phillips, 2015).

Assim, Irã e Iraque entraram em uma guerra por procuração, com ambos os lados financiando e apoiando a oposição armada ao estado adversário. Grupos khuzestanis lutando por maior independência receberam treinamento, equipamentos e dinheiro do Iraque. Os seis terroristas que sequestraram a embaixada iraniana em Londres foram treinados e armados pelo Iraque. Esse apoio foi fundamental para a execução do atentado, demonstrando a extensão da intervenção iraquiana nos assuntos internos do Irã através do apoio a movimentos separatistas (Phillips, 2015).

Portanto, a tomada da embaixada não foi apenas um ato isolado de terror, mas também um reflexo das complexas dinâmicas geopolíticas da região, incluindo o conflito por procuração entre Irã e Iraque, exacerbado por diferenças religiosas e políticas entre os dois países.

Embora a Inglaterra não tenha tido uma influência direta nas razões que culminaram no atentado, a existência de uma embaixada potencialmente alvo de um ataque terrorista em seu território ensina que nenhum país está completamente isento de se tornar alvo de terrorismo. No tópico seguinte, será abordada uma breve história da força especial responsável por executar a Operação *Nimrod*.

4.2.2 A Formação do SAS britânico

A história do SAS (*Special Air Service*) remonta à Segunda Guerra Mundial, quando foi fundado pelo Coronel David Stirling, no deserto do Norte da África. A unidade foi criada para realizar operações de sabotagem atrás das linhas inimigas, utilizando táticas de guerrilha. Seu sucesso inicial na destruição de aeronaves inimigas e infraestruturas solidificou sua reputação como uma força de Operações Especiais eficaz e inovadora (Phillips, 2015).

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, o SAS foi temporariamente dissolvido sob a falsa presunção de que não haveria mais necessidade para forças especializadas. No entanto, a relevância das forças especiais em conflitos modernos viria a aumentar com o passar do tempo (Phillips, 2015).

Em 1947, o governo britânico restabeleceu o SAS como uma unidade da Reserva Territorial, o 21º Regimento SAS, com a função de realizar operações de penetração profunda. Em 1952, o 22º Regimento SAS foi estabelecido como uma unidade regular do exército britânico, assumindo diversas responsabilidades, incluindo missões de resgate de reféns e combate ao terrorismo (Phillips, 2015).

O papel do SAS na Operação *Nimrod*, durante o cerco da Embaixada Iraniana em 1980, foi um marco significativo na história da unidade. Seis terroristas tomaram 26 pessoas como reféns na embaixada em Londres, exigindo a libertação de prisioneiros na região do Khuzistão, Irã (Phillips, 2015).

O SAS realizou um planejamento meticuloso e ensaios detalhados, incluindo a criação de réplicas da embaixada para treinar as equipes de assalto. Na operação, foi feita divisão das equipes em unidades menores com designações específicas. *Snipers* forneceram cobertura enquanto equipes de assalto foram designadas para invadir o edifício simultaneamente, utilizando a surpresa e a velocidade como suas principais táticas (Phillips, 2015).

A capacidade de adaptar rapidamente o plano de ação às circunstâncias em constante mudança foi um fator-chave no sucesso da operação, que foi transmitida ao vivo pela televisão, mostrando ao mundo a habilidade e a eficácia do SAS.

A Operação *Nimrod* elevou o perfil do SAS internacionalmente. A unidade se tornou um modelo para a criação e treinamento de unidades similares em outros

países, estabelecendo uma nova era de Operações Especiais focadas na resposta rápida e precisa a ameaças terroristas.

4.2.3 A execução da Operação *Nimrod*

A Operação *Nimrod* foi uma resposta ao cerco à Embaixada Iraniana em Londres, em 1980, quando seis terroristas invadiram a embaixada e fizeram 26 reféns. Foi estabelecido o *Cabinet Office Briefing Rooms* (COBR¹⁰), envolvendo altos membros do Ministério da Defesa, do Ministério das Relações Exteriores, da Polícia Metropolitana, do Ministério do Interior, do Serviço de Segurança (MI5) e do Serviço Secreto de Inteligência (MI6). Também participaram do COBR representantes de serviços públicos, como o conselho de gás, o conselho de água e a Autoridade Aeroportuária Britânica (Phillips, 2015).

Outra medida tomada foi o isolamento da área ao redor da embaixada, de modo que as operações fossem conduzidas sob estrita vigilância para evitar que informações vazassem para o público ou para os sequestradores. O acesso foi restrito apenas ao pessoal autorizado e o perímetro ao redor da embaixada foi fortemente guardado para prevenir qualquer interferência externa. A seguir, há um breve resumo dos acontecimentos até o desencadeamento da operação de retomada da embaixada (Phillips, 2015).

No dia 30 de abril de 1980, o ataque da embaixada iraniana em Londres começou com três disparos de uma pistola Browning nove milímetros contra as portas de vidro, deflagrando um cerco por seis terroristas árabes armados. A defesa inicial foi feita apenas por Trevor Lock, um guarda do Grupo de Proteção Diplomática que, apesar de ferido por estilhaços de vidro, conseguiu acionar um alarme silencioso (Phillips, 2015).

Lock, juntamente com o produtor da *British Broadcasting Corporation* (BBC), Chris Cramer, e o técnico de som, Simeon Harris, que estavam na embaixada para trâmites de visto, foram feitos reféns, aumentando o total para 26 pessoas capturadas. Os assaltantes se identificaram como pertencentes à Frente Revolucionária Democrática de Libertação do Arabistão, grupo que lutava por direitos para a região do Khuzistão, uma área de etnia árabe no Irã (Phillips, 2015).

¹⁰ Gabinete de crise (Phillips, 2015, p. 21, tradução nossa)

Outrossim, o porta-voz dos terroristas, Awn Ali Mohammad, conhecido como "Salim", demandou a restauração dos direitos humanos e a autonomia para o Arabistão, além da libertação de 91 prisioneiros políticos detidos pelo regime do aiatolá Khomeini. Salim advertiu que se suas exigências não fossem atendidas até a tarde de 1º de maio, ele destruiria a embaixada com explosivos, colocando a vida dos reféns em grave risco. Este ato refletiu as complexas dinâmicas internas do Irã e destacou as tensões geopolíticas que poderiam transcender as fronteiras nacionais (Fremont-Barnes, 2009).

Assim, na manhã do ataque à embaixada iraniana, o major Clive Fairweather, segundo na linha de comando do 22º Regimento SAS, estava no quartel-general em Hereford, conhecido como "Kremlin". Ele foi informado por chamadas não oficiais sobre uma situação emergente em *Princes Gate*, uma área com várias embaixadas em Londres (Fremont-Barnes, 2009).

Essas chamadas vieram de um ex-colega e de sua noiva, alertando sobre uma intensa atividade policial. Originalmente incumbido de transportar a equipe de Projetos Especiais em Contraterrorismo para Yorkshire, Fairweather redirecionou suas prioridades devido ao incidente. Respondendo rapidamente, ele mobilizou o Time Vermelho da unidade de Projetos Especiais para se deslocar discretamente para a área do incidente (Fremont-Barnes, 2009).

No início de 1º de maio, membros do Time Vermelho chegaram em Londres em veículos alugados, prontos para uma intervenção sigilosa. Eles começaram imediatamente a compilar e analisar informações sobre a "Fortaleza", o codinome atribuído ao prédio da embaixada, preparando-se para qualquer possível ação (Fremont-Barnes, 2009).

Na sequência do cerco à embaixada iraniana, uma manobra estratégica foi empregada quando Chris Cramer, um dos reféns e funcionário da BBC, fingiu uma doença grave, levando à sua liberação pelos terroristas. Esta ação proporcionou informações valiosas sobre o interior da embaixada e a localização de terroristas e outros reféns (Fremont-Barnes, 2009).

Após sua libertação, as equipes do SAS, divididas nos times Vermelho e Azul, começaram a alternar turnos a cada oito horas, intensificando a preparação para uma possível intervenção. Paralelamente, a polícia isolou as comunicações da embaixada, mantendo apenas uma linha telefônica aberta para negociações (Fremont-Barnes, 2009).

As negociações com os terroristas, lideradas pela polícia, avançaram sem incidentes iniciais, embora a tensão continuasse alta. No entanto, o cenário mudou drasticamente no dia 4 de maio quando Abbas Lavasani, chefe de imprensa da embaixada e um dos reféns, confrontou o líder terrorista, resultando em sua marcação como alvo iminente (Fremont-Barnes, 2009).

A ameaça tornou-se realidade no dia seguinte, quando, sob crescente pressão e após um ultimato via telefone, os terroristas executaram Lavasani. Dois tiros foram ouvidos pelos negociadores, marcando um ponto de virada sombrio nas negociações e indicando a deterioração da situação, pressionando ainda mais as forças de segurança para uma ação decisiva (Fremont-Barnes, 2009).

Às 18h20 do dia decisivo do cerco à embaixada iraniana, a situação escalou drasticamente quando mais três tiros foram ouvidos. O líder dos terroristas anunciou a execução de um refém e ameaçou continuar matando um refém a cada meia hora, intensificando a pressão sobre as forças de resposta (Fremont-Barnes, 2009).

Dez minutos após o anúncio, o corpo de Abbas Lavasani, previamente marcado para execução, foi lançado para fora da embaixada. Este ato confirmou suas ameaças anteriores, e a subsequente autópsia revelou que Lavasani havia sido morto horas antes, não sendo vítima dos tiros mais recentes, mas dos disparos anteriores (Fremont-Barnes, 2009).

Por conseguinte, a primeira-ministra Margaret Thatcher, mantendo uma postura de firmeza, enfatizou que, apesar da preferência por uma resolução pacífica por meio de negociações, os terroristas estariam sujeitos à lei britânica e não seriam permitidos a deixar o país. Com a confirmação da morte de Lavasani, Thatcher autorizou o SAS a proceder com uma intervenção imediata, marcando o início de uma operação de resgate que buscava salvar os reféns restantes e neutralizar os terroristas (Fremont-Barnes, 2009).

O plano de ação do SAS para o resgate na embaixada iraniana foi meticulosamente organizado e executado com precisão. Às 19h23, o assalto foi iniciado. Equipes desceram de rapel do telhado para as varandas do segundo andar e usaram explosivos para entrar pelas janelas. Ao mesmo tempo, outras equipes entraram pelo térreo e pelos fundos do edifício. O uso de granadas de gás CS (lacrimogêneo) e de atordoamento ajudou a desorientar os terroristas, facilitando a entrada das equipes de assalto (Phillips, 2015).

Assim, os terroristas foram pegos de surpresa pela rapidez e coordenação do

ataque. Houve uma breve troca de tiros, mas a superioridade tática e a surpresa das equipes do SAS permitiram que dominassem rapidamente os sequestradores. Cinco dos seis terroristas foram mortos durante o assalto. O único sobrevivente tentou escapar disfarçado entre os reféns, mas foi identificado e preso (Phillips, 2015).

O assalto durou aproximadamente 17 minutos. Dos 26 reféns iniciais, 19 foram resgatados com sucesso. Abbas Lavasani fora executado antes do assalto, outro refém morreu no hospital devido aos ferimentos, um terceiro foi libertado antes da operação, ao fingir estar doente. O restante dos reféns foi liberado sem ferimentos graves (Phillips, 2015).

Durante a operação, o SAS demonstrou capacidade de lidar com imprevistos e adaptar-se rapidamente a situações adversas. No momento da invasão do prédio da embaixada, um dos operadores descia de rapel pela lateral do edifício quando ficou preso na corda, suspenso acima das janelas. Outro membro da equipe cortou a corda para que ele pudesse se mover, o que levou a uma queda de cerca de doze pés. Mesmo ferido pela queda e por queimaduras pelo fogo que se espalhou no momento do assalto, ele rapidamente se levantou e se juntou à sua equipe, entrando pelas janelas do prédio (Phillips, 2015).

Além de ressaltar a destreza tática e a coragem dos operadores do SAS, a operação demonstrou a importância de uma coleta de inteligência precisa, de uma coordenação eficiente entre agências e do uso de tecnologia, como será visto a seguir.

4.2.4 A Contribuição do Trabalho Interagências, da Inteligência e da Tecnologia na Operação *Nimrod*

Desde o início do cerco, a coleta de informações – realizada por agências como o MI5 (Serviço de Segurança Interno do Reino Unido) e o MI6 (Serviço Secreto de Inteligência) – foi essencial para o planejamento do assalto, ajudando a entender o número de sequestradores, suas possíveis intenções e a configuração do prédio (Phillips, 2015).

Desta forma, a inteligência foi coletada de várias fontes, incluindo entrevistas com reféns libertados e análise de plantas baixas do edifício. Um modelo em escala da embaixada foi construído, permitindo que as equipes do SAS simulassem a

operação e treinassem em condições controladas (Phillips, 2015).

Embora o SAS fosse o principal executor da operação, a polícia metropolitana de Londres estava envolvida e ajudou a isolar a área ao redor da embaixada, gerenciar o tráfego e manter a segurança pública. Eles trabalharam em estreita colaboração com o SAS para garantir que o perímetro da operação fosse controlado (Phillips, 2015).

Essa colaboração interagências, com coordenação entre a polícia, o SAS, o MI5, o MI6 e outros departamentos governamentais foi essencial para a resposta eficiente ao cerco. A partir da instalação do centro de comando gestor da crise (COBR), autoridades de diferentes agências se reuniram para tomar decisões e fornecer apoio contínuo às equipes de assalto no terreno (Phillips, 2015).

Também o uso de tecnologia avançada desempenhou um papel significativo na execução bem-sucedida do assalto, aumentando a eficácia e a segurança das operações ao mesmo tempo que minimizou os riscos tanto para os reféns quanto para os operadores.

Foram utilizadas granadas de atordoamento e de gás CS. As primeiras foram desenvolvidas pelo SAS na década de 1970 e produzem um flash brilhante, acompanhado de alto ruído. Já a Granada de gás CS utiliza um tipo de gás lacrimogêneo, dificultando a visão e respiração dos sequestradores e facilitando a ação dos operadores. Durante a Operação Nimrod, essas granadas foram usadas para incapacitar os sequestradores e permitir que os operadores do SAS entrassem na embaixada com segurança, sem causar danos permanentes aos reféns (Phillips, 2015).

Outros exemplos da alta tecnologia empregada foram óculos de visão noturna para operar em ambientes com pouca luz e miras ópticas instaladas nas armas dos operadores, proporcionando maior precisão nos tiros e permitindo uma melhor identificação dos alvos em condições de pouca luz (Phillips, 2015).

A importância dessas tecnologias reside na capacidade de aumentar a eficácia e a segurança das operações, minimizando os riscos tanto para os reféns quanto para os operadores. Elas proporcionaram uma vantagem tática significativa, permitindo uma resposta rápida e coordenada às ações dos sequestradores, garantindo o sucesso da missão.

No próximo capítulo, o foco será a análise comparativa entre as operações *Netune Spear* e *Nimrod*. Ao abordar similaridades e singularidades entre as duas

intervenções bem-sucedidas, pretende-se chamar atenção para elementos importantes que possam contribuir para o êxito de futuras operações militares de contra o terrorismo.

5. ANÁLISE COMPARATIVA DAS OPERAÇÕES *NEPTUNE SPEAR* E *NIMROD*

Após a análise particular da *Neptune Spear* e da *Nimrod*, este capítulo visa fazer uma análise comparativa das duas operações, destacando singularidades e similaridades. Através dessa abordagem, pretende-se identificar aspectos importantes que possam contribuir em futuras abordagens militares contra o terrorismo.

5.1 SINGULARIDADES

A análise das singularidades é importante porque, embora sejam duas operações contra o terrorismo, elas têm naturezas e circunstâncias que as diferenciam (como será visto), com implicações diretas nas intervenções militares realizadas.

A primeira singularidade a ser destacada diz respeito à natureza das duas operações. A *Neptune Spear* configura-se como uma operação de “combate ao terrorismo”. Esse tipo de abordagem envolve ações amplas e de longo prazo destinadas a dismantelar estruturas terroristas e neutralizar líderes e organizações (Russell; Sawyer, 2003).

Assim, houve aproximadamente uma década entre os ataques de 11 de setembro de 2001 e a missão, em 2011. Esse intervalo permitiu um extenso acúmulo de informações de inteligência, envolvendo redes complexas de vigilância e análise que levaram à localização de Osama Bin Laden.

Em contraste, a *Nimrod* foi uma resposta quase imediata à invasão da embaixada iraniana em Londres, configurando-se como uma operação contraterrorista. O contraterrorismo envolve medidas preventivas e reativas para evitar e responder a ataques terroristas, lidando com crises em andamento ou medidas de segurança imediatas. (Russell; Sawyer, 2003)

Essa diferença na natureza das operações tem diversos desdobramentos. A *Neptune Spear* foi antecipada por uma década de coleta de inteligência, o que permitiu um planejamento extremamente detalhado e uma compreensão profunda das operações e padrões de comportamento da Al Qaeda.

A inteligência acumulada incluiu informações sobre comunicações,

movimentos e associações que ajudaram a construir um quadro abrangente da rede terrorista. Essa riqueza de dados permitiu a identificação e confirmação do paradeiro de Bin Laden, possibilitando que os EUA realizassem a operação com certo grau de certeza e precisão.

Por outro lado, a Operação *Nimrod* teve que se basear em informações obtidas em tempo real e sob pressão imediata. A intervenção militar do SAS contou com informações de inteligência coletadas e analisadas em tempo restrito e de observações diretas dos reféns liberados. Essa necessidade de uma resposta rápida impôs desafios adicionais em termos de planejamento e execução, exigindo uma flexibilidade e capacidade de improvisação ainda maiores por parte dos operadores do SAS.

O contexto político e estratégico de cada missão também foi distinto. Um fato notório foi o nível de envolvimento político na Operação *Neptune Spear*, contando com a supervisão e intervenção direta do presidente dos EUA. Para compreender essa participação, vale breve exploração do significado dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.

Conforme mencionado no capítulo dois desta dissertação, a principal estratégia do terrorismo moderno é o efeito psicológico, espalhando o terror e o medo como forma de fragilizar e forçar governos na direção que desejam. O impacto do sucesso da empreitada terrorista em 11 de setembro de 2001 foi muito maior do que as mortes provocadas e as perdas econômicas. Os terroristas deixaram exposta a fragilidade e incapacidade da maior potência do mundo em deter um episódio nessas dimensões, com grande significado simbólico e psicológico.

Assim, neutralizar o líder e fundador da Al Qaeda, contribuindo para o próprio desmantelamento da organização, representavam também uma vitória simbólica e psicológica tanto para o governo quanto para o público americano, justificando a participação direta do presidente na operação. Por outro lado, na Operação *Nimrod* a participação se deu em nível estratégico, através de membros seniores do *Cabinet Office Briefing Room* (COBR).

Outra singularidade é que a *Neptune Spear* ocorreu fora do território americano, no Paquistão. Além das implicações logísticas dessa condição, o país não foi informado antecipadamente da missão. Por isso, havia preocupação em evitar um incidente diplomático e com a segurança das forças envolvidas, que poderiam sofrer retaliações não só dos ocupantes do complexo de bin Laden, mas

também de forças paquistanesas. Uma das medidas para lidar com essa situação foi a modificação de dois helicópteros Black Hawks usados na missão para evitar detecção por radares paquistaneses e reduzir ruídos.

Já a *Nimrod* ocorreu em território britânico, no centro de Londres, necessitando de uma abordagem que minimizasse o impacto sobre civis e preservasse a segurança pública. Essas variações no ambiente operacional exigiram adaptações específicas nas táticas e no planejamento das operações.

A partir da análise das singularidades, observa-se que cada missão teve suas particularidades de acordo com a ameaça enfrentada e as circunstâncias, e isso deve ser considerado em novas abordagens. No próximo tópico, serão analisadas similaridades entre as duas operações, contribuindo para identificar elementos essenciais em futuras operações contra o terrorismo.

5.2 SIMILARIDADES DAS OPERAÇÕES

A primeira similaridade a ser destacada entre as Operações *Neptune Spear* e *Nimrod* é o tipo de intervenção escolhido contra as ameaças terroristas em questão. Tanto o governo americano quanto o britânico optaram por intervenções militares por meio de Operações Especiais. Conforme aprofundado no capítulo três desta dissertação, as OpeEsp são uma abordagem com características próprias diferentes de intervenções convencionais.

São implementadas por grupos militares pequenos, altamente treinados para missões específicas e cirúrgicas, utilizando técnicas de infiltração e ataque rápido, apropriadas para neutralizar ameaças que exigem respostas ágeis e adaptáveis a mudanças rápidas do cenário de combate.

Tanto na invasão do esconderijo de bin Laden quanto na solução do cerco da embaixada, envolvendo reféns, essas características das OpeEsp fizeram delas a resposta mais coerente com as ameaças terroristas em questão. Na missão americana, 24 operadores faziam parte da equipe de *SEALs*, enquanto 30 participaram da equipe britânica.

A segunda similaridade entre a *Neptune Spear* e a *Nimrod* é que, em ambas, foram rigorosamente observados os seis princípios operacionais das OpeEsp (simplicidade, segurança, repetição, surpresa, velocidade e propósito) e a obtenção da vantagem decisiva (superioridade relativa), garantindo que as missões fossem

executadas com máxima efetividade e mínima exposição a riscos desnecessários.

Em relação à simplicidade (que prevalece na fase de planejamento), na *Neptune Spear*, o plano era infiltrar-se no complexo de bin Laden, neutralizá-lo e coletar informações de inteligência. Na *Nimrod*, era resgatar os reféns e neutralizar os terroristas, entrando pelo maior número possível de janelas e portas, usando gás lacrimogêneo e granadas de atordoamento. Entre os benefícios, planos simples facilitam a compreensão por parte dos operadores e trazem clareza para execução.

No quesito segurança (preponderante na fase de preparação), a operação americana foi preparada com extrema discrição. Aspectos críticos, como a rota de voo dos helicópteros e o destino final, que viria a ser em *Abbottabad*, no Paquistão, foram mantidas em segredo até o último momento, mesmo para os *SEALs* participantes da operação. Assim, buscava-se minimizar o risco de quebra de sigilo.

Já na *Nimrod*, a área ao redor da embaixada foi isolada, e as operações foram conduzidas sob estrita vigilância para evitar que informações sobre a missão vazassem para o público ou para os sequestradores. Apenas pessoal autorizado teve acesso ao local da operação. O perímetro ao redor da embaixada foi fortemente guardado para prevenir qualquer interferência externa. A atenção à segurança operacional é relevante para impedir que terroristas tenham acesso a informações prévias e possam se antecipar às forças atacantes.

Exemplificando a repetição, os *SEALs* treinaram exaustivamente em uma réplica em tamanho real do complexo de bin Laden. Isso garantiu que todos os operadores estivessem familiarizados com o *layout* e o que precisavam fazer. Do mesmo modo, os operadores do SAS também se prepararam para o assalto usando uma réplica do prédio da embaixada.

A Operação *Neptune Spear* ocorreu durante a noite para aproveitar a escuridão, contribuindo para garantir o elemento surpresa. Do mesmo modo, os dois helicópteros UH-60 *Black Hawk* utilizados foram especialmente modificados para diminuir os ruídos e evitar a detecção enquanto entravam no esconderijo de bin Laden. Estes aspectos colaboraram para uma infiltração rápida e inesperada. Na *Nimrod*, o assalto ao prédio da embaixada se deu após cinco dias de negociação, pegando os terroristas também desprevenidos. O uso de explosivos para criar entradas pelas janelas e a rapidez da invasão favoreceram a obtenção da surpresa.

Em relação à velocidade, os *SEALs* atuaram com rapidez, levando cerca de 40 minutos no terreno. Já o SAS realizou a Operação *Nimrod* em 17 minutos. A

rapidez no combate aos terroristas foi um fator importante para evitar a escalada da situação nas duas operações, mas a agilidade na missão britânica era ainda mais crítica por se tratar de uma crise com reféns. Em intervenções com essa característica, o fator tempo é ainda mais crítico para evitar a execução dessas pessoas.

Na Operação *Neptune Spear*, o propósito era a neutralização de Bin Laden e a coleta de inteligência. Na *Nimrod*, era resgatar todos os reféns e neutralizar a ameaça terrorista. A clareza de propósito em ambos os casos ajudou a alinhar todos os recursos e esforços para o sucesso das missões.

Como se observa na análise de como cada operação buscou atender os seis princípios, ambas as missões tiveram um nível de planejamento e preparação excepcionais que foram fundamentais para que as forças especiais envolvidas agissem com precisão, rapidez e eficácia nos cenários de extrema pressão, demonstrando não só preparo físico, mas também mental.

Em relação à superioridade relativa, os *Navy SEALs* obtiveram e conservaram essa vantagem logo quando conseguiram entrar no prédio fortificado onde se encontrava Osama bin Laden, no Paquistão, sem serem detectados. Já o SAS britânico conseguiu e conservou essa vantagem ao invadir a embaixada iraniana, em Londres, onde se encontravam os terroristas.

O preparo mental pode ser observado na capacidade das equipes de se adaptar rapidamente aos imprevistos e mudanças no campo de batalha (fricções da guerra). Por exemplo, depois de uma viagem de uma hora e meia do Afeganistão até o esconderijo de bin Laden, no Paquistão, um dos dois helicópteros envolvidos na missão americana enfrentou problemas e teve que fazer um pouso forçado. Felizmente, não houve feridos, a equipe se reagrupou e prosseguiu conforme o planejado.

Também na *Nimrod*, os operadores enfrentaram momentos de tensão. Enquanto invadiam o prédio da embaixada, um deles descia de rapel pela lateral do edifício quando ficou preso na corda, suspenso acima das janelas, incapaz de se mover. O problema foi solucionado quando outro membro da equipe conseguiu cortar a corda.

Mesmo assim, ele caiu cerca de doze pés, sofrendo ferimentos devido à queda e às queimaduras pelo fogo que se espalhou no momento do ataque. No entanto, ele rapidamente se levantou e se juntou à sua equipe, que então entrou no

prédio pelas janelas. Essa sequência de eventos destaca a habilidade do SAS de lidar com imprevistos e adaptar-se rapidamente a situações adversas.

O acesso a dados e informações de inteligência foi outro fator crítico de sucesso em ambas as operações. Exemplificando, a identificação e monitoramento do complexo onde Osama bin Laden estava escondido, em Abbottabad (Paquistão), foi um trabalho de anos de inteligência. Interceptações de comunicações foram importantes para confirmar a presença do então líder da Al Qaeda no complexo.

Na *Nimrod*, serviços de inteligência britânicos forneceram informações sobre a situação da embaixada, configuração do prédio, perfil dos sequestradores, possíveis intenções etc. Assim, percebe-se como o trabalho da inteligência é um componente essencial para intervenções militares exitosas contra o terrorismo. É fundamental para o planejamento, preparação e execução de operações bem-sucedidas a compreensão clara de quem é o inimigo, suas motivações, localização, como está organizado, seus planos, suas vulnerabilidades etc.

Outra similaridade das duas operações é o uso extensivo de tecnologia avançada. Para exemplificar, na *Neptune Spear*, helicópteros UH-60 *Black Hawk* modificados e equipamentos de vigilância de última geração foram empregados. Na *Nimrod*, foram utilizados tecnologia e equipamentos que também eram de ponta para a época. Por exemplo, equipamentos de comunicação avançados que permitiram aos operadores manterem comunicação constante com o comando durante toda missão.

Os membros da equipe também usaram aparelhos de visão noturna para operar em áreas do prédio com pouca iluminação, além de usar explosivos de demolição controlada, especialmente preparados para criar aberturas em paredes e janelas durante o assalto.

Por fim, é preciso destacar a importância do trabalho interagências, com a participação de diferentes entidades e órgãos governamentais, nos dois casos. Na *Neptune Spear*, além da participação governamental - com destaque para a participação direta do próprio presidente dos Estados Unidos na época - a coleta e análise de informações, interceptação de comunicações foram feitas por diferentes agências e serviços como a CIA, FBI e NSA. Do lado militar, o Comando de Operações Especiais Conjuntas, coordenou a missão executada pelos *Navy SEALs*.

Na *Nimrod*, além da contribuição dos serviços de inteligência britânicos e do SAS (lado militar), que foi o principal executor da operação, foram envolvidos a

polícia metropolitana (responsável por isolar a área da embaixada e controlar o tráfego no entorno) e autoridades governamentais e políticas, garantindo que as decisões fossem tomadas de forma eficiente e que a operação fosse realizada de acordo com as diretrizes e a política do governo britânico.

Assim, é possível perceber que a cooperação interagências é um fator relevante para uma resposta coordenada e efetiva a ameaças terroristas, desde que haja uma comunicação clara e coordenação em todos os níveis.

Dessa forma, a análise das similaridades entre as Operações *Neptune Spear* e *Nimrod*, destaca a combinação de alguns aspectos essenciais que podem contribuir para futuras ações contra ameaças terroristas bem fortificadas, quais sejam: intervenção militar por meio de Operações Especiais (com observação cuidadosa de seus seis princípios operacionais para alcançar e manter a superioridade relativa), inteligência, trabalho interagências e emprego de tecnologia avançada.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou refletir sobre intervenções militares contra o terrorismo, a partir da análise e comparação de duas Operações Especiais mundialmente conhecidas e bem-sucedidas (a *Neptune Spear* e *Nimrod*), utilizando como base teórica o conceito de Superioridade Relativa, do almirante Bill McRaven. A análise de ambas as operações trouxe lições valiosas e indispensáveis que podem contribuir para futuras intervenções militares.

O envolvimento direto do presidente dos EUA ilustra a dimensão política da Operação *Neptune Spear*, cujo êxito representou não só uma vitória militar, mas também simbólica do governo americano contra o terrorismo. Na Operação *Nimrod*, houve uma resposta rápida e decisiva a uma crise com reféns, no centro de Londres. Cabe destaque para a habilidade dos operadores do SAS em atuar sob extrema pressão, adaptando-se rapidamente às condições do campo de batalha.

Como observado no capítulo dois, um aspecto importante na luta contra o terrorismo é observá-lo para além do julgamento moral dos atos e compreendê-lo como um fenômeno com raízes históricas, políticas e sociais, como se viu em relação à Al Qaeda e ao grupo que invadiu a embaixada em Londres (capítulo quatro).

Nesse contexto, o terrorismo deve ser tratado como um método de atuação que tem elementos comuns: uso da violência para fins políticos (fragilizar governos e forçá-los na direção desejada), praticado por grupos (pequenos ou de milhares de pessoas), disseminação do medo, terror psicológico como forma de influenciar a audiência e a opinião pública (potencializado pela rápida e abrangente difusão de notícias pelos meios de comunicação e, especialmente, a internet).

Para efetivamente enfrentar o problema, é preciso compreender que o terrorismo não é praticado aleatoriamente, mas por grupos organizados, que tem meios e intenções bem definidas. Dessa forma, o enfrentamento também precisa ser estratégico.

Neste sentido, a análise comparativa das Operações *Neptune Spear* e *Nimrod* mostrou a existência de singularidades, mas especialmente de similaridades que foram fundamentais para o êxito das missões, compondo uma abordagem coerente e assertiva. Desta forma, conclui-se que existem fatores essenciais para o sucesso

de intervenções militares contra o terrorismo e que devem ser observados em futuras ações.

Entre eles, a aplicação rigorosa dos princípios operacionais das Operações Especiais (segurança, surpresa, simplicidade, velocidade, repetição e propósito) é fundamental para garantir o planejamento, preparação e execução adequadas. Por meio desses princípios, as forças militares atacantes buscam alcançar uma vantagem decisiva (superioridade relativa) sobre os adversários, em posição fortificada, no campo de batalha.

Além disso, são aspectos fundamentais para o sucesso de intervenções bem-sucedidas o treinamento intensivo dos militares das forças especiais (contribuindo para a capacidade de improvisação no campo de batalha), tecnologia avançada, inteligência robusta e trabalho interagências. Esses ingredientes devem estar presentes desde a fase de planejamento até a execução das operações, como foi observado tanto na *Neptune Spear* quanto na *Nimrod*.

Por fim, esta dissertação não tem a pretensão de esgotar o assunto abordado, mas sim contribuir para futuros trabalhos científicos e intervenções militares, cujo foco seja a ameaça terrorista, que tem se mostrado cada vez mais letal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. **A Bíblia Sagrada**. Salt Lake City, Utah: A Intellectual Reserve, Inc, 2015.

BRASIL. Escola de Guerra Naval. EGN 304 B. **Guia de Estudos de Estratégia**. Rio de Janeiro, 2006.

CABRAL, Danilo Cezar. **SAS britânico: o resgate perfeito na embaixada do Irã. Aventuras na História**. Publicado por AH - Aventuras na História do navegador UOL. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/sas-britanico-resgate-perfeito-embaixada-ira-436221.phtml>. Acesso em: 13 mai. 2024.

CHALIAND, G.; BLIN, A. **História do Terrorismo: Da Antiguidade à Alcaida**. Editora Odete, 2017.

CLAUSEWITZ, C. von. **On War**. Traduzido por M. Howard e P. Paret, abreviado com introdução e notas por B. Heuser. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CNN Brasil. Estratégias adotadas após 11 de setembro são usadas diariamente pela polícia de NY. **CNN Brasil**, 2020. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/estrategias-adotadas-apos-11-de-setembro-sao-usadas-diariamente-pela-policia-de-ny/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

CNN Brasil. EUA reorganizaram o setor de inteligência após o 11 de Setembro, diz professor. **CNN Brasil**, 2020. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/11/eua-reorganizaram-o-setor-de-inteligencia-apos-o-11-de-setembro-diz-professor>. Acesso em: 19 jul. 2024.

COUTAU-BÉGARIE, H. **Tratado de Estratégia**. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, 2010.

DIAS, R. **Ciência Política**. São Paulo: Atlas S.A, 2013.

DOYLE, W. **The French Revolution: A very short introduction**. Oxford University Press, 2001.

FEDELI, O. **A Revolução Francesa**. Editora Montfort, 2019.

FERREIRA, Walter da Costa; TEIXEIRA JUNIOR, Augusto W. M. **Estratégia Militar Aplicada: Metodologia de Emprego**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2021.

FREMONT-BARNES, G. **Who Dares Wins: The SAS and the Iranian Embassy Siege 1980**. Osprey Publishing, 2009.

GONÇALVES, J. B.; Reis, M. V. **Terrorismo: Conhecimento e Combate**. Editora Impetus, 2017.

IGLÉSIAS, F. A **Revolução Industrial**. Editora Brasiliense, 1990.

Institute for Economics & Peace. **Global Terrorism Index 2024: Measuring the Impact of Terrorism**. Sydney: Institute for Economics & Peace, 2024.

MCRAVEN, W. H. **Spec Ops: Case Studies in Special Operations Warfare: Theory and Practice**. New York: Ballantine Books, 1996

OWEN, Mark. **Não Há Dia Fácil**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Editora Paralela, 2012.

PHILLIPS, Russell. **Operation Nimrod: The Iranian Embassy Siege**. Shilka Publishing, 2015

REED, J. **Dez Dias que Abalaram o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

RIEGER, Fernando; TEIXEIRA, Yves. A invasão soviética ao Afeganistão e suas consequências para a Guerra Fria. In: **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Centro Estudantil de Relações Internacionais, 2013.

RUSSELL, D.; Sawyer, H. **Terrorism and Counterterrorism**. Nova York: McGraw-Hill, 2003.

SYED, M. 11 de Setembro: a surpreendente tese que tenta explicar por que a CIA ignorou sinais dos ataques. **BBC News**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49660015>. Acesso em: 22 jun. 2024.

VEJA. Satélites e drone ajudaram EUA na caçada a Bin Laden. **Veja**, 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/satelites-e-drone-ajudaram-eua-na-cacada-a-bin-laden/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

VESENTINI, José W. **Novas Geopolíticas**. São Paulo: Contexto, 2006.

WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres: Al-Qaeda e o caminho até 11/9**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Editora Companhia das Letras, 2006.